

O TÊNIS E A MODA

PAULO MORAIS-ALEXANDRE

BIBLIOTECA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



SEBENTAS | COLECÇÃO ARTES DA FUNÇÃO

Título	<i>O Ténis e a Moda</i>
Autor	Paulo Morais-Alexandre
Editor	Escola Superior de Teatro e Cinema
Imagem da capa	Jean Patou, Vestidos para Ténis, 1925. <i>In</i> GINSBURG, Madeleine – <i>Paris Fashions: The Art Deco Style of the 1920s</i> . London : Bracken Books, 1989, p. 88
1ª edição	50 exemplares
Amadora	Abril de 2010
ISBN	978-972-9370-04-5

«Toutes les tenues de sport ne prétendent pas à l'élégance, car tous les sports ne sont pas élégants. La sélection par l'argent ne saurait expliquer entièrement pourquoi certains sports passent pour tels, et d'autres non... L'on peut affirmer qu'un sport élégant est un sport pratiqué par le monde élégant, à condition de ne pas oublier que ce monde n'est pas peuplé que des gens riches, et que toutes les personnes fortunées ne sont pas obligatoirement élégants»

Tatiana Tolstoï

ABSTRACT

Keywords: Fashion, Costume, Sportswear, Tennis, Sports

Interacting with the evolution of Costume, the sport in general and the Tennis in particular have produced a large influence throughout the ages in the Fashion. The opposite is also true: the costume used in Tennis has passed to the street, that uses its forms, colours, patterns, ornaments, etc., and it is possible to see also the influence on fashion designers.

RESUMO

Palavras-chave: Moda, Ténis, Desporto, Vestuário, História

Interagindo com a evolução do vestuário, o desporto em geral e o ténis em particular têm influenciado ao longo dos tempos a Moda, sendo o contrário também verdadeiro. Assim, muitos dos trajes adaptados à prática desportiva vão passando para o traje quotidiano, da mesma forma que algumas das inovações da Moda são incorporadas no vestuário usado para praticar desporto, ao nível da forma, mas também das cores, padrões, ornamentos, etc., sendo ainda possível verificar neste âmbito a influência dos designers de moda que não raro têm produzido indumentária desportiva.

INTRODUÇÃO

A intenção do presente texto é extremamente simples, trata-se tão só de meditar um pouco sobre as relações do Ténis com a Moda, desde as suas origens até à actualidade, falando das coisas mais óbvias, mas também das menos reconhecidas, mas certamente não menos interessantes.

Tenta-se simplificar o que não é redutível, ou seja, a ligação entre o traje utilizado na prática desportiva e o vestuário não formal, verificando-se desde logo que há um ponto de partida comum: desde os primeiros tempos deste desporto que para o jogar se usava o vestuário comum, que depois viria a ser simplificado ou, mais correctamente aligeirado, restringindo-o por vezes a peças da indumentária interior. Daqui pode aventar-se uma explicação possível para a escolha e uso do branco.

Mas proceda-se primeiro a uma genealogia da moda desportiva partindo de duas constatações prévias inevitáveis: em primeiro lugar registe-se que durante muito tempo o desporto era uma actividade masculina destinada a preparar a guerra e tal era feito sem se recorrer a trajes próprios; em segundo lugar há que referir que todo o vestuário, quer o masculino, quer sobretudo o feminino, era particularmente restritivo dos movimentos.

A ANTIGUIDADE

Historiar o traje de desporto, remontando à Antiguidade, é relativamente fácil já que desde a Grécia existem representações de praticantes das mais variadas modalidades. Aqui surge a primeira perplexidade, ou melhor, a primeira frustração: os nossos antepassados greco-romanos tinham o problema resolvido de forma expedita, já que o traje para praticar desporto não existia¹. Os atletas estavam completamente desprovidos de qualquer peça de roupa, como está largamente demonstrado na pintura sobre cerâmica grega, ou pode ser comprovado na escultura *Discóbulo*, de Míron, datada do século V a. C.

Ginásio era o sítio onde se estava nu, embora mais tarde em Roma o pudor impedisse às mulheres o desporto sem roupa, pelo que alguns mosaicos romanos representam curiosos biquínis femininos, utilizados para a musculação.

DA IDADE MÉDIA AO SÉCULO XVII

Nas mais antigas representações de práticas desportivas, com as exceções óbvias da equitação e da esgrima que ocupam um lugar muito especial e diferenciado enquanto preparação

1- «*Les anciens avaient résolu la question du confort des tenues de sport avec leur sagesse habituelle, puisque les athlètes couraient ou lançaient le disc entièrement nus. Toutefois ils habillaient des contrées dont le climat autorisait cette simplicité, aussi ne faut-il pas exagérer notre propre sophistication, le froid et la pluie sont pour quelque chose dans nos affectations vestimentaires.*» Cit. Tatiana Tolstoï - *De l'Élégance Masculine*. Paris : Acropole, 1987, p. 147.

para a guerra, verifica-se que não existia qualquer vestuário específico.

Desde o século XIV que se jogava uma espécie de ténis, em campo coberto, prática na qual o próprio Henrique VIII tinha manifestado alguma perícia², sendo este jogo praticado com trajes particularmente formais e pouco adequados.

O próprio William Shakespeare cita este jogo na obra *Henrique V* e, em França, o *Cyrano de Bergerac* começa num dos campos do *Jeu de Pomme*³.

Registe-se que este desporto ainda hoje continua a ser praticado sob o nome de *Real Tennis* ou mantém a designação de *Jeu de Pomme*.

Numa aguarela datada de 1580, representando um jogador de *courte paume*, verifica-se que a personagem veste um gibão golpeado, tem capa e a cabeça coberta por um gorro ornado de uma pluma, sendo de referir um excessivo colarinho de rendas queorna a camisa⁴, ou seja corresponde ao traje formal usado nas cortes europeias da época e que seria vestido nomeadamente pelo malogrado rei D. Sebastião. De referir, por último, que o jogador representado está armado de espada (fig. n.º 1).

2- «Originally the players played with their hands (*jeu de paume*). Later they used gloves, then short bats to hit the ball. The game become very popular and in the 13th century it is said that there were as many as 1,800 courts in France.» Cit. James Laver - *Modesty in Dress*. Boston : Houghton Mifflin Company, 1969, pp. 142-3. Veja-se ainda o endereço: <http://www.realtennis.gbrit.com/history.htm>, acessido em 2000, Junho, 11.

3- Cf. Endereço: <http://www.real-tennis.com/archive/history/ff.html>, acessido em 2000, Junho, 12.

4- Tatiana Tolstoï - ob. cit., p. 147.



1

O SÉCULO XVIII

A afirmação de que as mulheres não praticavam desporto sendo esta actividade reservada aos homens, embora seja tendencialmente verídica, não é absoluta⁵, ou seja, as mulheres por vezes praticavam desporto, como o prova a pintura de Jean-Baptiste Chardin, datada de 1741, *La Jeune Fille au Volant* (fig. n.º 2). Nesta obra pode verificar-se que as raparigas se dedicavam a actividades desportivas, mas fica também comprovado que as vestes eram totalmente insensatas e logo desadequadas àquelas

5- «*Though women did not compete much in organized sports prior to this century, there are some interesting exceptions. In 1427, Margot of Henault, aged 28 years arrived in Paris. Contemporaneous reports were that she played the game “excellently”.*» Cit. endereço: <http://www.uscourttennis.com/history.html>, acedido em 2000, Junho, 11.

funções. Veja-se que o corpete é particularmente rígido, sendo a saia disposta sobre amplas anquinhas, os chamados *paniers à coudes* ou *à la commodité*, já que permitiam descansar os cotovelos⁶. Um pormenor insólito e para o qual não se encontra qualquer explicação: de um laço, do lado direito, pende uma almofada com alfinetes e uma tesoura.



2

O SÉCULO XIX

Talvez a primeira proposta no sentido da utilização de um

6- Nesta época coabitavam os supracitados *paniers* duplos, mais extensos, com *paniers* de dimensões reduzidas designados *considérations*, bem como os *paniers* que desciam até ao joelho, chamados de *jansénistes*. Cf. Jacques Ruppert - *Le Costume : Époques Louis XIV et Louis XV*. Paris : Flammarion, 1990 (reed.), p. 49.

traje inteligente tenha partido de Mrs. Amelia Bloomer (fig. n.º 3). Revoltada com o uso da crinolina, esta americana propôs em alternativa um vestuário com algumas afinidades com o traje turco, composto por umas calças largas, depois baptizadas com o nome da sua criadora. Ainda juntou um grupo de seguidoras da sua proposta, o que a levou numa *tournée* a Inglaterra e à Irlanda, onde as justificações teóricas apresentadas em conferência eram acompanhadas da exposição de modelos e algumas mulheres, mais ousadas, não se coibiram mesmo de as apresentar nas ruas, o que motivou particular escândalo, soçobrando numa maré de ridículo, tendo a própria autora desistido dos seus intentos⁷.



3

7- François Boucher - *Histoire du Costume: En Occident de l'Antiquité a nos Jours*. Paris : Flammarion, 1983 (reed.), p. 373.

Em meados do século XIX surgiu pela primeira vez um movimento que pugnava pela racionalização da indumentária e é curioso verificar que as propostas que eram feitas na época e que pareceram radicais à sociedade de oitocentos eram bem mais moderadas do que poderiam parecer à primeira vista. Assim a *Rational Dress Society*, fundada em 1881 e tendo à cabeça a viscondessa de Haberton, apenas lutava pela utilização de um vestuário sensato, nada mais, de tal forma que sugeriam que o peso de um traje feminino ficasse apenas limitado aos 3,5 quilogramas⁸. Mas, mais uma vez, as mulheres, desta feita encantadas com o uso da *tournure*, pouco ligaram.

Seria preciso esperar pelo último quartel do século XIX, altura em que se estabeleceu pela primeira vez a associação dos desportos aos momentos de lazer⁹, para se dar a verdadeira revolução vestimentar e respectiva simplificação e aligeiramento das vestes.

Um novo desporto emergia chamado geralmente de *Lawn Tennis*, ou pelos mais rebuscados de *Sphairistike*, tornando-se rapidamente popular, datando o primeiro torneio de Wimbledon

8- «*The Rational Dress Society protests against the introduction of any fashion in dress that either deforms the figure, impedes the movement of the body, or in any way tends to injure health. It protests against the wearing of tightly fitting corsets, of high-heeled or narrow-toed boots and shoes; of heavily weighted skirts, as rendering healthy exercise almost impossible; and of all tie-down cloaks or other garments impeding the movement of arms. [/] It protests against crinolines or crinolettes of any kind as ugly and deforming. The object of the R.D.S. is to promote the adoption, according to individual taste and convenience, of a style of dress based upon consideration of health, comfort, and beauty, and to deprecate constant changes of fashion that cannot be recommended on any of these grounds.*» Cit. S. Newton - *Health, Art and Reason* apud Elizabeth ROUSE - *Understanding Fashion*. Oxford : BSP Professional Books, 1989, p. 128.

9- Tatiana Tolstói - ob. cit., p. 148.

de 1877¹⁰.

Mas as mudanças não se deram de imediato, antes pelo contrário, foram sendo feitas de forma gradual (fig. n.º 4).



4

Após a criação da Alta Costura por Charles Frederic Worth na altura do chamado Segundo Império francês e sobrevivendo este costureiro à queda do imperador Napoleão III e da Imperatriz Eugénia do Montijo. É de notar que, apesar do aparecimento de outras casas de costura como a de *Doucet, Redfern* ou *Callot Soeurs*, se verifica que as modas femininas formais evoluem muito lentamente e quase sem inovações até já ao século XX, altura em que, com a chegada dos *Ballets Russes* a Paris e o aparecimento das arrojadas propostas de Paul Poiret, o panorama se iria alterar radicalmente.

O mesmo não se passou com a moda desportiva que teve de ser criada do início e onde surgiram muitas inovações que

10- James Laver - *Modesty in Dress*, ob. cit., pp. 143.

depois muitas vezes iriam ser passadas às outras variantes da moda.

Seria o próprio Worth o primeiro a criar uma veste específica para a actividade ao ar livre, não se ousa ainda usar o termo de desporto. Assim, em 1863, foi ele o autor de uma saia para a Imperatriz Eugénia, para esta usar nos longos passeios que gostava de dar e que depois seria chamada pelos ingleses de *walking skirt*. Tratava-se de uma saia um pouco mais curta do que as então em voga, não travada, subida até aos tornozelos e deixando os pés livres¹¹.

Seria ainda este criador o responsável pela introdução das meias-crinolinas, que começam a libertar as mulheres dos pesos e entraves excessivos.

Se o desporto era um privilégio das elites e a equitação foi considerada por excelência durante muito tempo o mais importante, com o século XIX surgiram outros que se popularizaram, perdendo, muitos, o privilégio de ser considerados elegantes, sendo, de entre estes, o ciclismo um magnífico exemplo.

No final do século XIX a bicicleta tinha-se tornado imensamente popular entre as mulheres e daí derivou a necessidade da obrigação de roupa bifurcada, já que o uso de saias com cauda estava fora de questão e mesmo vestir saias pelo tornozelo se tornava impraticável. Deste modo a utilização de vestes divididas podia dar-se a dois níveis: a utilização de saias-calças ou o regresso às tão ridicularizadas *bloomers*. Curiosamente esta segunda apa-

11- Grazietta Butazzi - *La Mode : Art, Histoire & Société*. Paris : Hachette, 1983 (reed.), pp. 163-4.

rição não foi menos polémica do que a primeira, sendo estas vestes alvo de chacota da imprensa e denunciadas dos púlpitos nas pregações¹².

Eça de Queiroz na *Cidade e as Serras* refere o delicioso episódio do desastre de Madame de Todelle no Bois de Bologne, na bicicleta do Padre Ernesto, cura de São José:

«... - *Ah, Madame de Todelle anda já de velocípede?*
- *Aprende. Nem tem velocípede! ... Mas ontem no Bosque, zás, terra! ... perna esfolada.»*¹³

Pouco tempo depois, as leitoras dos mais recentes tratados de elegância seriam informadas que este desporto havia perdido o seu chique:

«*La bicyclette ne compte plus parmi les sports élégants; les femmes coquettes n'en font plus dans les villes ...*»¹⁴

Foram os desportos que se desenvolveram sobretudo na segunda metade do século XIX que iriam contribuir para uma efectiva mudança no vestuário.

Da vontade de jogar Ténis e Croquet, derivou a razão do aparecimento de adaptações no vestuário feminino que permiti-

12- «*They caused almost excitement as the original bloomer campaign of the 1850s. They were ridiculed in the Press and denounced in the pulpit, but it was all to no avail; young women continued to wear them.*» Cit. James Laver - *Costume and Fashion*. London : Thames and Hudson, 1986 (reed.), p. 208.

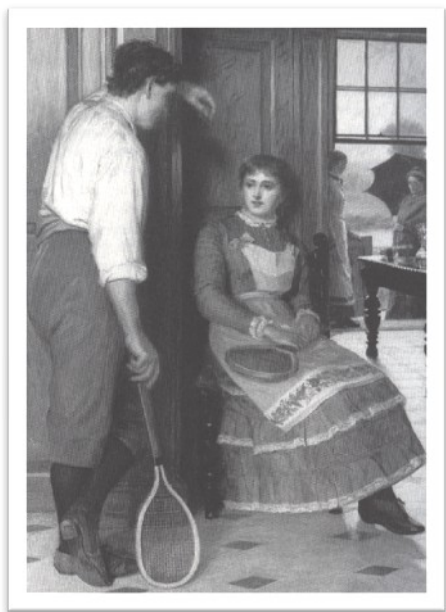
13- Cit. Eça de Queiroz - *A Cidade e as Serras*. Lisboa : Livros do Brasil, s.d., p. 58.

14- Cit. Marie-Anne l'Heureux (dir.) - *Pour Bien s'Habiller*. Paris : Pierre Lafitte & Cie., 1911, p. 251. Esta autora adverte que «*[...] les femmes coquettes n'en font plus dans les villes; mais à la campagne, c'est un exercice hygiénique et qui rend beaucoup de services pratiques.*». Refere de qualquer das formas que, no entanto, há que respeitar uma regra básica: «*Ne portez jamais la culotte.*» Cit. *Idem - ibidem*.

ram levantar as saias exteriores, deixando à vista o saio que cobria a crinolina. Paralelamente foi este desporto que esteve na origem da introdução do espartilho independente da saia¹⁵.

O ténis começou por dar lugar a pequenas transformações secundárias relativamente às modas, nomeadamente na forma da indumentária.

Por volta de 1880 uma novidade começava a surgir na indumentária usada para praticar *Lawn Tennis*: as mulheres começavam a usar uns aventais especiais que permitiam guardar as bolas¹⁶ (fig. n.º 5).



5

15- Grazietta Butazzi - ob. cit., p. 168.

16- Penelope Byrde – *Nineteenth Century Fashion*. London : B. T. Batsford Limited, 1992, p. 165.

As poucas modificações que o vestuário sofria davam-se sobretudo ao nível da decoração¹⁷, o que não as impedia de jogar com chapéus decorados com penas¹⁸.

Seria em 1884 que Maud Watson, a vencedora do primeiro torneio feminino de Wimbledon adoptaria o fato de cor exclusivamente branca, ao que parece por motivos de higiene, já que naquela cor as manchas de transpiração não eram facilmente visíveis¹⁹, no que foi seguida tornando-se desde aquela data o branco a cor tradicional da indumentária do Ténis²⁰.

E em Portugal?

Segundo Ramalho Ortigão o panorama geral era bastante confrangedor:

«Alguns maridos acrimoniosos têm inventado que em Portugal se não pode ir para as praias em consequência do desenfreamento do luxo no vestuário. Esta opinião espalhou-se e consta-me que muitas senhoras a perfilharam, laborando no mesmo erro. Era uma obra

17- «[...] *les tissus de laine avec cercles, bâtonnets, triangles peints ou tissés* [...]» Cit. o periódico italiano *Marguerita*, 1891, Setembro, 15 *apud* Grazietta Butazzi - ob. cit., p. 169.

18- As mulheres «[...] *played tennis in a long trailing skirt, a tight corset, and a blouse with voluminous sleeves. Also, only too often, they added an elaborate befeathered or beflowered bat. The game, as can well be imagined, was then by no means as strenuous as it has since become.*» Cit. James Laver - *Taste and Fashion*. London : George G. Harrap & Company Ltd, 1937, p. 222.

19- Haydn Price (prod.) – “Tennis” in *The Story of Sports* (vídeo). Birmingham : s.d.

20- Pode também ser estabelecida a relação entre o uso do branco com o aligeiramento do vestuário, recorrendo-se às peças de indumentária interior para a prática desportiva, tal dá-se efectivamente, nomeadamente no boxe e na natação. Veja-se a este respeito a obra de John de Greef - *Sous Vetements*. Paris : Booking International, 1989.

de caridade desenganá-las. Toilettes de praia, há quinze dias que ando por estas regiões (São João da Foz), não só não tenho visto muitas, mas nem uma única vi! Elas, ó meu Deus, vêm para a beira-mar vestidas como vão a ver-vos, pela confissão, aos congregados, ao Carmo e a S. João Novo. Para os piqueniques na relva, para a praia, à hora do banho, para barquear, para jogar o croquet ou o lawn-tennis, para ir à pesca, para jantar, para dançar, etc., vejo que o vestuário é sempre e invariavelmente o mesmo, isto é, o de ir à missa, o de ir às lojas, o de ir à música no jardim público da cidade.

Os homens são igualmente despreocupados dos cuidados do pitoresco em o trajar. [...]

O janota do Porto [...] tão escrupulosamente moldado sobre o tipo britânico [...] vai para a Bolsa portuense exactamente na mesma toilette com que iria em carreta de caça para uma partida de law[n]-tennis, à quinta de um vizinho de aldeia.»²¹

O Ténis começava a estar em voga e era cada vez mais praticado pelas elites, podendo contar-se entre os adeptos deste desporto o próprio rei de Portugal, D. Carlos I, que o jogava nas instalações do aristocrático Sporting Club de Cascais²² (fig. n.º 6).

21- Cit. Ramalho Ortigão - *As Farças*. Lisboa : Livraria Clássica Editora, 1944, vol. I, pp. 231-233.

22- Guilherme Cardoso – *Cascais Passado a Preto e Branco*. Cascais : Associação Cultural de Cascais, s.d., s.p.



6

O SÉCULO XX

- O começo do século

Desde o início do século que tudo apontava para que o vestuário de desporto se tornasse mais adequado. Marie-Anne l'Heureux, autora do tratado *Pour Bien s'Habiller*, dá claramente essa indicação quando afirma que o desporto, qualquer que ele seja, é uma luta que se trava, sobretudo entre o homem e a natureza, pelo que os trajes em uso, mesmo os mais simples, colocam entraves que embaraçam o pretendente a desportista e desta forma será necessário envergar um traje específico a cada prática desportiva²³ (figs. n.ºs 7 e 8).

23- «*Pour le tennis, le golf, le foot-ball, le croquet. – La flanelle tennis rayée de bleu, de noir, de gris, est tout indiquée. [/] Jupe courte et collante aux hanches. [/] Chemisette blanche sans col ou avec col très lâche. [/] Chapeau canotier ou panama. [/] Chemise et culotte en crêpe santé à cause de la transpiration inévitable. [/] Soulier ou bottines en toile blanche à semelles de caoutchouc, sans talons. [/] Bas blanc. [/] Gants de daim. [/] On fait de paletots de tennis en frise d'Écosse, très pratiques et très chauds, qu'il faut mettre dès qu'on cesse de jouer, à moins qu'on préfère la jaquette de golf tricotée.*» Marie-Anne l'Heureux - ob. cit., pp. 250-251.



7



8

Era, no entanto, impensável a uma jogadora de ténis abandonar um apertado corpete ou as saias compridas (fig. n.º 9). Em 1908 a vencedora do campeonato feminino de Wimbledon, Mrs Fenwick, embora totalmente vestida de branco, tinha as mangas de tal forma compridas que lhe cobriam as mãos, sendo a sua saia particularmente roçagante e de enorme roda. Tais preparos mantinham-se dez anos mais tarde com Mrs Lambert Chambers a jogar equipada de blusa de mangas compridas e saia até ao tornozelo²⁴ (fig. n.º 10).

24- James Laver - *Modesty in Dress*, ob. cit., p. 144.



9



10

Os loucos Anos 20

Vestuário masculino - O Barão Fouquier no seu tratado de elegância prescrevia, como indumentária obrigatória para os homens, as calças de flanela, os sapatos em pele branca ou em alternativa de tela, com sola de borracha (*caoutchou*), a camisa de flanela ou de seda, gravata, colete de flanela com as cores do clube, o conjunto acolitado de chapéu mole ou panamá. Para o Inverno a única alteração proposta prendia-se com o uso de tecidos mais quentes²⁵.

25- Baron Fouquier - *Des Usages de l'Élegance*. Paris : Editions Emile-Paul Frères, s. d. (Prefácio datado de 1925), 3.^a ed., p. 218.

Quanto às mangas dos casacos estas eram obviamente compridas mas, em 1926, o duque de York criou um precedente no Campeonato de Ténis em Wimbledon ao usar as mangas cortadas acima do ombro. Consequentemente, a partir de então nenhum outro homem tinha de ficar receoso de o fazer²⁶.

Vestuário feminino - Cerca de 1925, conforme descreve o já citado Barão Fouquier em *Des Usages de l'Élégance*, as jogadoras no Verão deviam usar sapatos de tela branca ou em alternativa de pele com sola de borracha, meias de fio, saia de algodão ou linho, lisa ou plissada, blusa em *jersey* branco, chapéu de palha, ou então cabeça descoberta com *foulard*.

Uma advertência obrigatória:

«*Il est de mauvais goût de porter des bijoux au jeu*»²⁷.

Na dança/ópera encomendada para os *Ballets Russes* por Serge Diaghilev a Jean Cocteau *Le Train Bleu*, representada pela primeira vez em 1924 e para o qual Pablo Picasso foi o responsável pela cortina de palco, Gabrielle Chanel compôs os figurinos, inspirando-se directamente nos vestidos da grande campeã dos anos 20 Suzanne Lenglen. Assim, a bailarina Bronislava Nijinska foi vestida de branco dos pés à cabeça, neste caso literalmente já que, se os sapatos eram brancos, também branca era a faixa com que prendia os cabelos, bem como todas as peças de indumentária que envergava²⁸ (fig. n.º 11).

26- Jacqueline Herald - *Fashions of a Decade: The 1920s*. London : B. T. Batsford, 1991, p. 52.

27- Baron Fouquier - ob. cit., p. 218.

28- Alice Mackrell - *Coco Chanel*. London : B. T. Batsford, 1992, p. 61.



11



12

A forma de vestir de Lenglen causara grande excitação, tanta quanto os seus saltos acrobáticos que pareciam desafiar as leis da gravidade, já que ela havia aligeirado o traje de Ténis convencional composto de saias longas, blusa de mangas compridas e elaborada gravata, preferindo a este conjunto confrangedor um vestido liso, solto pela altura do joelho, ou uma saia pregueada usada com um *cardigan* sem mangas²⁹. Também dispensara o tradicional cinto jarreteira, em favor de meias brancas que se seguravam por ligas no joelho (figs. n.ºs 12 e 13).

29- Segundo Lenglen o traje ideal seria composto por: «[...] a *simple piqué dress*, or one of drill or white linen, made in the old Grecian style, and fastened at the waist with a ribbon or leather belt. The sleeves should be short. A simple pair of canvas “gym” shoes are best [...]». Cit. Suzanne Lenglen *apud* Elizabeth Ewing - *History of 20th Century Fashion*. London : B. T. Batsford, 1986 (reed.), p. 95.



13

O que mais atraía a atenção das gentes preocupadas com a Moda era a banda que tinha na cabeça. Tal tornou-se um elemento de moda, uma marca do *look* 1920. No entanto, registe-se que cerca de treze anos antes já Chanel usara aquela banda na cabeça nas suas sortidas equestres em Royallieu³⁰.

Apesar de certas inovações que lhe são atribuídas não serem da sua responsabilidade, deve ser considerado, no entanto, que o impacto de Lenglen no mundo da Moda foi efectivo, sendo de referir que os conjuntos desenhados para aquela tenista por Jean Patou, compostos de uma simples saia branca de pregas pela altura do joelho e um *cardigan* sem mangas, conjugado com uma banda cor-de-laranja bem vivo, foram seguidos por muitas

30- Alice Mackrell - ob. cit., p. 62. Janet Wallach afirma que a costureira se inspirara nas suas próprias vestes para desporto. Cf. Janet Wallach – *Chanel: Her Style and her Life*. London : Mitchell Beazley, 1999, p. 63.

tenistas³¹ e tiveram até repercussões no vestuário formal (fig. n.º 14).



14

As modas não desportivas continuavam a influenciar estas e seria nos anos 20 que se daria a grande modificação com as saias a encurtar drasticamente, o que seria seguido pelas saias usadas no ténis, onde se aproveitava a corrente da Moda para utilizar um vestuário mais consentâneo com aquela prática desportiva específica, no que seria acompanhada pelos outros desportos.

É a partir desta época que se pode considerar a tendência das roupas desportivas de desenvolverem um tipo próprio, sendo tal facto particularmente verificável no ténis, já que quando as

31- Georgina O'Hara - *The Encyclopaedia of Fashion*. London : Thames and Hudson, 1986, p. 160.

saias na viragem da década se tornaram longas de novo, o vestuário desta prática continuou o seu percurso, ou seja, era totalmente absurdo reintroduzir as saias longas naquilo que se tinha tornado num jogo vigoroso³².

- Os anos 30

Vestuário feminino - Embora no vestuário formal as saias tivessem recuperado logo na década de 30 o comprimento, houve a tendência para o vestuário desportivo se alhear destas modificações que corriam no sentido contrário às capacidades e prestações já adquiridas, não seguindo portanto estas novas modas e pelo contrário continuando a encolher.

Houve apesar de tudo pessoas que tentaram que a indumentária usada no Ténis acompanhasse as modas. Seria a própria Suzanne Lenglen, tornada directora do departamento de vestuário desportivo da casa *Yvonne May* a responsável pela proposta de uma saia plissada longa francamente abaixo do joelho, acompanhada por um colete e por uma faixa³³, a sua imagem de marca. No entanto, estas novidades não tiveram particular sucesso. Pode pois afirmar-se sem risco de erro que o vestuário desportivo na década de trinta se afastou do vestuário formal, não seguindo os seus ditames mas enveredando por um caminho próprio e até contra a corrente da moda, já que as saias usadas no ténis continuariam a encurtar até se chegar à utilização dos *shorts*.

32- James Laver - *Costume and Fashion*, ob. cit., p. 242.

33- Madeleine Delpierre - *Le Costume de 1914 aux Anées Folles*. Paris : Flammarion, 1990, p. 35.

Foi este facto que levou alguns autores a afirmar que o traje das jogadoras de ténis ignoraria doravante as flutuações da moda³⁴, alegação com que não se concorda de forma alguma, já que se considera, como adiante se tentará demonstrar, que essas influências persistem até à actualidade.

Voltando à cronologia, em Abril de 1931 a *Señorita* Lili de Alvarez jogou com saia calça um pouco abaixo do joelho³⁵. Refira-se que este vestido tinha a assinatura de uma das mais importantes criadoras de Alta Costura, a italiana Elsa Schiaparelli³⁶.

Um momento particularmente importante para toda a História do Ténis, mas sobretudo da Moda, seria a introdução em 1933 pela americana oriunda de São Francisco, Alice Marble, dos *shorts*, no torneio de Wimbledon. Tal foi particularmente notado, já que estes terminavam já ligeiramente acima do joelho.

Uma outra notável revolução na indumentária do Ténis seria protagonizada por Mrs. Fearnley-Whittingstall, que teria sido a primeira a jogar em Wimbledon³⁷ com as pernas nuas. Isto causou um escândalo, mas a nova moda era tão sensata que cedo foi adoptada pela maioria das mulheres jogadoras³⁸, por permitir o abandono de qualquer espécie de corpete, jarreteiras ou outro suporte para segurar as meias³⁹.

Vestuário masculino – Apesar de todas as mudanças

34- Grazietta Butazzi - ob. cit., p. 169.

35- James Laver - *Costume and Fashion*, ob. cit., p. 242.

36- Maria Costantino - *Fashions of a Decade: The 1930s*. London : B. T. Batsford, 1991, p. 53.

37- Grazietta Butazzi - ob. cit., p. 169.

38- James Laver - *Costume and Fashion*, ob. cit., p. 242.

39- *Idem* - *Taste and Fashion*, ob. cit., p. 224.

pelas quais passava o vestuário, os homens continuavam a jogar envergando calças de flanela, particularmente desconfortáveis e quentes. Alguns atletas amadores, descontentes com aquela indumentária, começaram a jogar de calções, o que contou com a resistência dos profissionais, até que finalmente em 1932, pela primeira vez, o jogador Bunny Austin participou no Torneio de Forest Hills em Nova York usando calções⁴⁰.

A mudança da utilização das calças para os calções não se deu de imediato, chegando a coexistir aquelas duas peças de indumentária, já que os tempos de introdução dos calções não foram sincrónicos. Como se pode verificar, no torneio de Roland-Garros em 1935, a equipa francesa continuava a apresentar-se de calças, enquanto os australianos já equipavam de calções⁴¹ (fig. n.º 15).



15

40- Maria Costantino - ob. cit., p. 53.

41- Bernard Lanvin - *Le Guide de l'Élegance au Masculin*. S.l. : Hachette, 1987, p. 132.

Os anos 30 foram também a outros níveis particularmente importantes para o desenvolvimento do vestuário desportivo. Foi nesta década que, devido a uma massificação da prática do desporto, se deu a popularização das actividades dos tempos livres⁴². Foi daqui que derivou uma significativa renovação do vestuário, primeiro masculino e depois feminino, que se estenderia às décadas subsequentes, com a criação do *sportswear*, o vestuário para o lazer, directamente inspirado no equipamento desportivo⁴³.

A partir dessa data pode-se considerar que os percursos são paralelos, mas cruzando-se amiúde.

- Anos 40 e 50

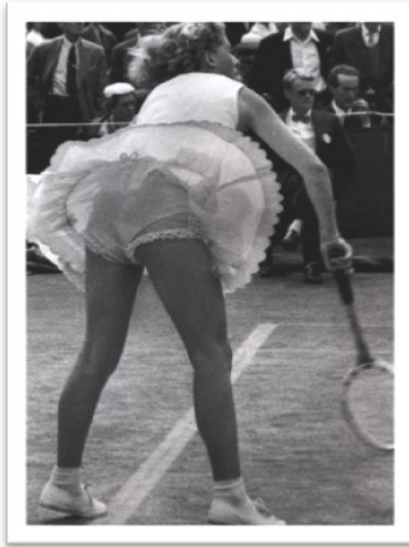
A década de 40 foi na sua primeira metade tragicamente marcada pela Segunda Guerra Mundial, com as suas consequências perversas, dando-se as primeiras transformações interessantes ao nível da moda com a proposta do *New Look* de Dior, que criou vestidos excepcionalmente compridos, o que não teve qualquer equivalência com as roupas usadas nos *courts*.

Em 1955 a jogadora italiana Lea Pericoli fez as delícias da multidão em Wimbledon, apesar de ter perdido logo a primeira partida. Tal furor foi causado pela particularmente reveladora indumentária, já que a qualidade do jogo não era de forma alguma apreciável⁴⁴ (fig. n.º 16).

42- Veja-se a este respeito a obra de José Carlos Valente - *Estado Novo e Alegria no Trabalho: uma História Política da FNAT (1935-1958)*. Lisboa : Edições Colibri/INATEL, 1999, que historia esta problemática em Portugal.

43- Tatiana Tolstoi - ob. cit., p. 148.

44- Elaine Benson e John Esten – *Unmentionables: A Brief History of Underwear*. New York : Simon & Schuster Editions, 1996, p. 88.



16

Pode dizer-se que Wimbledon, desde os primeiros anos, tem sido o primeiro dos *courts* de Ténis, mas vem sendo também palco de escândalos vestimentares que têm feito a delícia da imprensa, desde os arrojados vestidos da supracitada Suzanne Lenglen, sem esquecer o “Gorgeous Gussi”, um traje de uma só peça com condizentes calcinhas rendadas popularizado por Gussie Moran em 1959 e que foi primeira página nos jornais desportivos e não só⁴⁵.

- Camisetas e sapatos de ténis

As necessidades da vida actual, deixaram no entanto uma informalização do vestuário, sobretudo para os tempos livres.

A partir da década de 50, seria o vestuário comum que iria retirar do desportivo algumas das suas formas.

45- *Idem - ibidem.*

O ténis foi uma das principais fontes, pelo prestígio granjeado pelos jogadores, que se tornaram indicadores de gosto, iniciando-se o filão da publicidade nos produtos de indumentária com determinadas *griffes*.

Um dos nomes fulcrais para o ténis dos anos 20 seria o francês René Lacoste que, conjuntamente com Brugnon, Cochet e Borota formava uma equipa invencível que ganhou o nome de os quatro mosqueteiros. Existe quem afirme que a sua alcunha de *Le Crocodile* viria da sua forma agressiva de jogar⁴⁶, mas a verdade é bem mais prosaica: numa aposta com o capitão da equipa de França em 1923 de que venceria a sua partida, teria ganho uma mala de crocodilo⁴⁷ (fig. n.º 17).



17

46- Georgina O'Hara - ob. cit., p. 153.

47- Agnes Adriaenssen (dir. ed.) - *Encyclopédie de la Mode Nathan*. Paris : Éditions Nathan, 1989, p. 121.

Seria este jogador que inventaria, para usar, sobretudo nos *courts* norte-americanos, onde Lacoste considerava que fazia demasiado calor, uma camisa de piqué de algodão de manga curta, onde bordaria o crocodilo com que o haviam alcunhado. Perguntava-se aliás Lacoste como era possível alguém jogar ténis com as mesmas vestes que serviriam para uma qualquer *garden-party*⁴⁸.

Na década de 30, transformado em homem de negócios, comercializaria o seu nome e o seu crocodilo; em 1933 lançou a sua camisa, mais maleável e ligeira que as camisas de flanela da época, o que teve sucesso imediato. No seu livro *Plaisir du Tennis*, Lacoste escreve que o seu crocodilo foi a primeira marca a figurar na parte exterior de uma peça de vestuário⁴⁹. Comercializada primeiro em branco, claramente vocacionada para a prática do Ténis, passou posteriormente a ser produzida em grande variedade de cores, redireccionando-se como veste ideal para os tempos livres.

Foi, assim, com René Lacoste que se lançou uma primeira linha baseada no nome de um jogador, no que se seguiriam outros, com maior ou menor sucesso, como Fred Perry, mais populares que aquelas⁵⁰ ou até Bjorn Borg, neste caso sem grandes consequências futuras.

48- «On se demande comment la pratique d'un jeu aussi athlétique que le tennis a pu se concilier jusqu'en 1930, avec des vêtements analogues à ceux convenant pour une *garden-party*». René Lacoste - *Plaisir du Tennis* apud Bernard Lanvin - ob. cit., p. 137.

49- Agnes Adriaenssen - ob. cit., p. 121.

50- Para tal não seria estranha a origem social humilde, aquilo a que os ingleses designam como a falta do sotaque certo, daquele campeão.

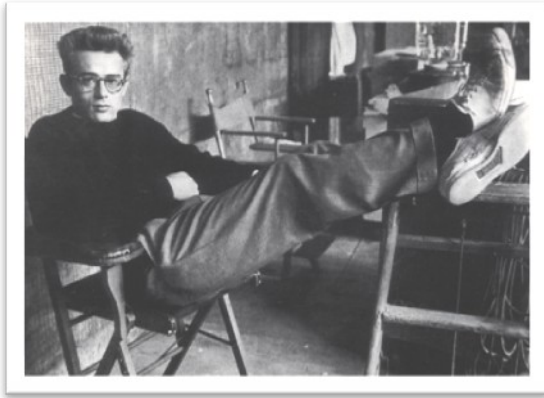
Mas não seriam apenas *polos*, tal fenómeno é talvez até mais verificável nas sapatilhas, tudo se desenvolvendo com o registo em 1832 de uma patente onde solas de borracha se ligavam a sapatos e botas. Apuradas as técnicas cedo as sapatilhas daí resultantes começaram a ser usadas para o desporto⁵¹.

Curiosamente essa influência começa pela comercialização em 1935 pela firma de pneus B. F. Goodrich, do modelo *Jack Purcell*⁵². Era a primeira vez que se dava o nome a umas sapatilhas de um jogador; na realidade Jack Purcell não jogava ténis, ele era um jogador de badmington, canadiano, que se tinha sagrado campeão do mundo. Mas tal não impediu o sucesso deste calçado também no mundo do ténis, sendo os únicos sapatos que equipavam os jogadores norte-americanos na Taça Davis⁵³. Estes ténis foram particularmente popularizados por James Dean, que os usava como complemento da sua indumentária informal (fig. n.º 18).

51- Angella Pattison e Nigel Cawthorne - *A Century of Style: Shoes*. London : Apple Press, 1998, p. 124.

52- Quando esta firma abandonou o fabrico de sapatilhas, vendeu os direitos à firma *Converse* que ainda hoje produz este modelo. Cf. endereço: <http://www11.pair.com/sneakers/csm-jack.htm>, acedido em 2000, Junho, 12.

53- Cf. endereço: <http://www.netlaputa.ne.jp/~watanabe/shoes/sneaker3.html>, acedido em 2000, Junho, 12.



18

Mais tarde, em 1970, surgiriam os “sapatos de ténis” *Stan Smith* e posteriormente *Nastase*⁵⁴ da empresa alemã Adidas, tendo estes gozado de particular favor na década de 80 para depois cair no esquecimento e ser substituídos por outros com o nome de campeões mais recentes, enquanto os primeiros continuam a ser produzidos com grande sucesso comercial, sendo vendidos desde os tamanhos mais pequenos, para bebé, até às medidas *extra-large*.

Refira-se que este sucesso se dá ao nível do que se chama de vestuário desportivo, mas que nada tem que ver com o vestuário para o desporto, já que a visão destes ténis é hoje rara nos *courts*.

54- Ilie Nastase, romeno, n.º 1 do ranking mundial em 1973.

CONCLUSÃO

Na actualidade, o papel dos jogadores de ténis como indicador de padrões de consumo é particularmente difícil de definir. Chame-se à colação algumas variantes importantes:

- A importância do atleta enquanto jogador, ou seja, quanto mais torneios vencer, quanto mais perto do topo do *ranking* mais hipóteses tem de influenciar - como exemplo, Bjorn Borg;
- A postura no *court* – como exemplo, McEnroe;
- Dotes físicos, modo de vida, vida social intensa, exuberância, e ou excentricidade demonstradas, particularidades, peças fetiche, carisma – como exemplos, Andre Agassi ou Venus Williams.

Há uma relação biunívoca, ou seja, os jogadores influenciam a moda, mas ao mesmo tempo levam para o campo as correntes de moda emergentes, divulgando-as.

Atendendo ao efémero da moda, que tem paralelismo na efemeridade da carreira enquanto jogador, pode-se considerar que estes desaparecem na voragem das modas que lançam, tornando-se estas tão anacrónicas quanto os jogadores que as popularizaram.

Não tendo o ténis as limitações de outros desportos, que os tornam particularmente exclusivos e muito específicos em termos de traje, verifica-se que subsiste a tendência de preservar certas regras de etiqueta, ou até de *fair play* que passa pela indumentária envergada. Assim, não se encontra no vestuário usado para o ténis a cientificização que é possível encontrar em outros

desportos como a natação ou o atletismo de *sprint* e embora haja uma evolução técnica óbvia das raquetes e bolas, no vestuário essa evolução tecnológica dá-se apenas ao nível das sapatilhas, sendo raros os casos em que os jogadores utilizam as malhas tecnicamente mais avançadas, como as *lycras* colantes.

BIBLIOGRAFIA

- AA. VV. - *A moda através do Bilhete Postal Ilustrado 1900-1950*. S. 1.: Ecosoluções Consultores Associados, 1999
- ADRIAENSSEN, Agnes (dir. ed.) - *Encyclopédie de la Mode Nathan*. Paris : Éditions Nathan, 1989
- BENSON, Elaine e ESTEN, John – *Unmentionables: A Brief History of Underwear*. New York : Simon & Schuster Editions, 1996
- BOUCHER, François - *Histoire du Costume : En Occident de l'Antiquité a nos Jours*. Paris : Flammarion, 1983 (reed.)
- BUTAZZI, Grazietta - *La Mode : Art, Histoire & Société*. Paris : Hachette, 1983 (reed.)
- BYRDE, Penelope – *Nineteenth Century Fashion*. London : B. T. Batsford Limited, 1992
- CARDOSO, Guilherme – *Cascais Passado a Preto e Branco*. Cascais : Associação Cultural de Cascais, s.d.
- COSTANTINO, Maria - *Fashions of a Decade: The 1930s*. London : B. T. Batsford, 1991
- DELPIERRE, Madeleine - *Le Costume de 1914 aux Anées Folles*. Paris : Flammarion, 1990
- DESLANDRES, Yvonne e MÜLLER, Florence - *Histoire de la*

- Mode au XX^e Siècle*. Paris : Éditions Somogy, 1986
- EWING, Elizabeth - *History of 20th Century Fashion*. London : B. T. Batsford, 1986 (reed.)
- FOUQUIER, Baron - *Des Usages de l'Élégance*. Paris : Editions Emile-Paul Frères, s. d. (Prefácio datado de 1925), 3.^a ed.
- GANDOLFI, Fiora - *Gonne e Gonnelle*. Modena : Zanfi Editori, 1989
- GINSBURG, Madeleine – *Paris Fashions: The Art Deco Style of the 1920s*. London : Bracken Books, 1989
- GREEF, John de - *Sous Vetements*. Paris : Bookking International, 1989
- HERALD, Jacqueline - *Fashions of a Decade: The 1920s*. London : B. T. Batsford, 1991
- HEUREUX, Marie-Anne l' (dir.) - *Pour Bien s'Habiller*. Paris : Pierre Lafitte & Cie., 1911
- LANVIN, Bernard – *Le Guide de l'élégance au Masculin*. S. l. : Hachette, 1987
- LAVÉ, James - *Costume and Fashion*. London : Thames and Hudson, 1986 (reed.)
- LAVÉ, James - *Modesty in Dress*. Boston : Houghton Mifflin Company, 1969
- LAVÉ, James - *Taste and Fashion*. London : George G. Harrap & Company Ltd, 1937
- LEYMARIE, Jean – *Chanel*. Genève : Skira, 1987
- MACKRELL, Alice - *Coco Chanel*. London : B. T. Batsford, 1992
- McDOWELL, Colin – *Shoes Fashion and Fantasy*. New York : Rizzoli International Publications Inc., 1989
- O'HARA, Georgina - *The Encyclopaedia of Fashion*. London :

- Thames and Hudson, 1986
- ORTIGÃO, Ramalho - *As Farpas*. Lisboa : Livraria Clássica Editora, 1944, vol. I
- PATTISON, Angella e CAWTHORNE, Nigel - *A Century of Style: Shoes*. London : Apple Press, 1998
- QUEIROZ, Eça de - *A Cidade e as Serras*. Lisboa : Livros do Brasil, s.d.
- ROUSE, Elizabeth - *Understanding Fashion*. Oxford : BSP Professional Books, 1989
- RUPPERT, Jacques - *Le Costume: Époques Louis XIV et Louis XV*. Paris : Flammarion, 1990 (reed.)
- SEELING, Charlotte - *Moda: El Siglo de los Diseñadores 1900-1999*. Köln : Könemann, 2000
- TOLSTOÏ , Tatiana - *De l'Élégance Masculine*. Paris : Acropole, 1987
- VALENTE, José Carlos - *Estado Novo e Alegria no Trabalho: uma História Política da FNAT (1935-1958)*. Lisboa : Edições Colibri/INATEL, 1999
- WALLACH, Janet - *Chanel – Her Style and her Life*. London : Mitchell Beazley, 1999

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

1 – Jogador de *Courte Paume* cerca de 1580.

In BOUCHER, François - *Histoire du Costume : En Occident de l'Antiquité a nos Jours*. Paris : Flammarion, 1983 (reed.), p. 233.

2 – Jean Baptiste Chardin - *La Jeune Fille au Volant*, 1741.

In BUTAZZI, Grazietta - *La Mode : Art, Histoire & Société*. Paris : Hachette, 1983 (reed.), p. 168.

3 – Mrs Amelia Bloomer, 1851.

In LAVER, James – *Taste and Fashion*. London : George G. Harrap & Company Ltd, 1937, s.p..

4 – Jogadora em 1885.

In LAVER, James - *Modesty in Dress*. Boston : Houghton Mifflin Company, 1969, p. 143.

5 – Jogadora em 1883.

In BYRDE, Penelope – *Nineteenth Century Fashion*. London : B. T. Batsford Limited, 1992, p. 165.

6 – O Rei D. Carlos jogando Ténis no Sporting Club de Cascais.

In CARDOSO, Guilherme – *Cascais Passado a Preto e Branco*. Cascais : Associação Cultural de Cascais, s.d., s. p.

7 – Postal de 1904.

In AA. VV. - *A moda através do Bilhete Postal Ilustrado 1900-1950*. S. l. : Ecosoluções Consultores Associados, 1999, p. 74.

8 – Mademoiselle Boquedis em 1912.

In GANDOLFI, Fiora - *Gonne e Gonnelle*. Modena : Zanfi Editori, 1989, p. 35.

9 – Jogadora em 1901.

In DESLANDRES, Yvonne e MÜLLER, Florence - *Histoire de la Mode au XX^e Siècle*. Paris : Éditions Somogy, 1986, p. 71.

10 – Mrs Lambert Chambers, 1919.

In LAVER, James – *Taste and Fashion*. London : George G. Harrap & Company Ltd, 1937, s.p..

11 – Gabrielle Chanel - Figurinos para *Le Train Bleu*, 1924.

In LEYMARIE, Jean – *Chanel*, Genève : Skira, 1987, p. 93.

12 – Suzanne Lenglen.

In O'HARA, Georgina – *The Encyclopaedia of Fashion*. London : Thames and Hudson, 1986, p. 160.

13 – Suzanne Lenglen.

In SEELING, Charlotte – *Moda: El Siglo de los Diseñadores 1900-1999*. Köln : Könemann, 2000, p. 68.

14 – Jean Patou, Vestidos para Ténis, 1925.

In GINSBURG, Madeleine – *Paris Fashions: The Art Deco Style of the 1920s*. London : Bracken Books, 1989, p. 88.

15 – Equipas Francesa e Australiana, Roland Garros, 1935.

In LANVIN, Bernard - *Le Guide de l'Élegance au Masculin*. Paris : Hachette, 1987, p. 132.

16 – Lea Pericoli, Wimbledon, 1955.

In BENSON, Elaine e ESTEN, John – *Unmentionables: A Brief History of Underwear*. New York : Simon & Schuster Editions, 1996, p. 92.

17 – René Lacoste em 1927.

In LANVIN, Bernard – *Le Guide de l'Élegance au Masculin*. S. l. : Hachette, 1987, p. 136.

18 – James Dean em 1955.

In McDOWELL, Colin – *Shoes Fashion and Fantasy*. New York : Rizzoli International Publications Inc., 1989, p. 169.

ÍNDICE

<i>Abstract</i>	4
Introdução.....	5
A Antiguidade.....	6
Da Idade Média ao Século XVII.....	6
O Século XVIII.....	8
O Século XIX.....	9
O século XX.....	18
Conclusão.....	34
Bibliografia.....	35
Índice das Ilustrações.....	38

